



A INFÂNCIA GOVERNADA: UMA LEITURA FOUCAULTIANA ACERCA DA CAPTURA DA INFÂNCIA E SEU GOVERNO ATRAVÉS DA PEDAGOGIA NA MODERNIDADE

Juliana Nastalli PIMENTEL¹;

Kelly Alves CAMILO²;

1. INTRODUÇÃO

A infância que conhecemos nem sempre se deu nos mesmos moldes. Até o século XVIII, a criança era um adulto em miniatura, ou seja, esperava-se que ela sobrevivesse aos primeiros anos de vida e, assim que desenvolvesse um mínimo de autonomia, era colocada no convívio social. Contudo, conforme Ariès (1986), houve uma transformação na forma de conceber a infância e que, na Modernidade, a criança passou a ser entendida como um ser que merecesse um cuidado maior. Surge assim, a infância moderna com um estatuto próprio que passou a definir o que era ser criança.

Desse modo, este trabalho³ tem como objetivo verificar como se constituiu o sujeito infantil escolarizado na Modernidade. Assim, pensar a infância problematizando-a nos permite perceber sua construção histórica e de que forma ela é moldada no contexto social moderno. Este trabalho busca pensar a infância a partir e com Foucault de modo a entender como a articulação entre poder e governamentalidade podem contribuir para pensar a práxis educacional hoje.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa foi delineada pelos princípios pesquisa qualitativa a partir da categoria analítica arqueo-genealogia, juntamente com ferramentas foucaultinas do biopoder e da governamentalidade.

O biopoder, segundo Foucault, é uma forma de poder que se exerce sobre a vida, buscando controlá-la e regulá-la. Ele se manifesta através de instituições e práticas sociais que disciplinam os corpos e regulam as populações, promovendo a saúde, a educação e outras formas de capital humano como elementos essenciais para o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade.

¹ Mestrado em Educação - UFU, Universidade Federal de Uberlândia, kellyalvescamilo@gmail.com

² Mestrado em Educação - UFU, Universidade Federal de Uberlândia, juliana.nastalli@ufu.br

³ Este texto foi produzido a partir da dissertação de mestrado com o título: “A infância governada: Educação Infantil e subjetividade à luz do pensamento de Michel Foucault”, sendo a autoria de Juliana Nastalli Pimentel.





A governamentalidade é uma forma de poder que se exerce através de um conjunto de práticas discursivas que moldam os sujeitos de maneiras que lhes permitem ser governados de acordo com certas racionalidades. No caso da infância, a governamentalidade se manifesta através de instituições como a escola, que moldam a subjetividade infantil de acordo com os valores e as necessidades da sociedade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A CAPTURA DA INFÂNCIA

A maneira pela qual essa ideia de infância passou a ser produzida e mobilizada na Modernidade, a partir da preocupação com o corpo da criança, fez com que a infância tornasse um “dispositivo” (Foucault, 2006, p.244), onde se criou um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, regulamentações, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições morais, filosóficas e filantrópicas sobre o corpo infantil.

Foucault (1997) apontou que no período das Reformas Religiosas dos séculos XVI e XVII houve o interesse em silenciar o corpo e qualquer relação com o sexo, produzindo assim, uma arquitetura de controle e vigilância sobre a sexualidade dos corpos infantis, fazendo com que os discursos produzidos fossem condicionados num regime de verdade. Através de uma complexa rede de poderes e saberes, se possibilitou o controle do que dizer e quem poderia dizer sobre a infância, tratando, portanto, de colocar o sexo em um determinado discurso, no qual o saber científico passou a estabelecer um regime de verdade, podendo ser proferido por especialistas que conduziram a educação das crianças na Modernidade.

A transformação do lugar da criança na sociedade pode ser compreendida através da teorização foucaultiana, na qual o filósofo desenvolveu a ideia que, a partir do século XVII, novos raciocínios populacionais foram se consolidando e que, neste momento, a infância ganhou um outro lugar nas discussões, estabelecendo-se como mais um objeto a sofrer intervenções pelo poder. Isso quer dizer que a relação entre adultos e crianças se modificou porque a sociedade passou a ser organizada sob bases diferentes, onde o poder passou a conduzir uma complexa relação de dispositivos garantindo a condução da massa populacional, sem deixar de lado o controle individual.

Ao capturar a infância, o poder passa a desenvolver sobre essa etapa de vida um modo de “ser” criança, separando-a do adulto e criando um binarismo no qual ser criança é algo inferior, uma vez que se espera que a criança desenvolva suas capacidades intelectuais para





adentrar no mundo dos adultos. Ao surgir como um novo elemento a ser governado, é preciso legitimar quem pode governar esse novo objeto, fazendo emergir a Pedagogia Moderna enquanto um campo de saber específico para o governo da infância.

O GOVERNO DA INFÂNCIA

No conhecido artigo intitulado *Maquinaria Escolar*, Varela e Alvarez-Uria (1992) discorreram sobre as diversas formas de conceber a infância através dos tempos, desde uma indefinição do termo mais adequado, passando pelo debate sobre qual seria o melhor momento para iniciar uma educação institucionalizada sobre a aprendizagem de uma fé e uma moralidade. Os autores apontam que a infância moderna surgiu com um estatuto próprio, no qual a criança é tida como um ser maleável, frágil e imaturo, justificando assim a sua tutela, ainda um ser rude que precisa ser civilizado e que sua energia precisaria ser canalizada e disciplinada.

Através de um saber específico e legitimado pelo poder, o discurso científico-pedagógico passou a objetivar a infância definindo-a, delimitando-a, circunscrevendo-a dentro dos limites do que é ser criança e, através de um enunciado, coloca todas as formas plurais de ser criança dentro de uma forma única e as instituições fazem com que esse discurso ganhe ressonância na sociedade, operando para o poder numa espécie de engrenagem na maquinaria de produção de subjetividades.

Narodowski (2001), desenvolveu pesquisas sobre a infância e a Pedagogia e apontou para o poder que essa ciência desempenhou no governo da infância. Para o autor, “A infância representa o ponto de partida e o ponto de chegada da pedagogia. O motivo de quase todos os seus cuidados e a fonte de boa parte de suas preocupações” (Narodowski, 2001, p. 21). É através da Pedagogia que é atribuída à infância seu conceito inicial, um lugar próprio para intervenção, pois é essa ciência que, revestida de discursos que versam sobre uma infância que precisa de um direcionamento, uma educação e uma acumulação de conhecimentos, desempenha ações que visam garantir a normalização da infância. Sendo assim, “A pedagogia obtém na infância seu pretexto irrefutável de educar e reeducar na escola” (Narodowski, 2001, p. 21).

A escola passou a ser a instituição de referência para orientar a criança através “de discursos especializados e a implementação de técnicas com vistas à produção de resultados previstos para a adequação social da infância na gestão da população” (Resende, 2015, p. 131), isso quer dizer que a escola se tornou, na Modernidade, o lugar de excelência para gerir a população infantil.

A educação escolarizada se tornou o lugar que visa amalgamar todos os ideais de libertação. As ideias do Iluminismo, pensadas inicialmente no século XVII, ganharam





ressonância através da escola. A educação de massas vai além de ensinar os conteúdos, a gramática e os cálculos, ela vai imprimir no tecido social todo um conjunto de ideias que, tomadas como naturais, não são questionadas e nem vislumbra uma possível saída.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, considera-se que a infância passou a ser capturada pelo poder, no século XVIII, enquanto um dispositivo de produtividade e submissão e que a Pedagogia emergiu nos discursos científicos como um saber legítimo para governar a criança. Entender a noção de poder(es) através dos conceitos foucaultianos e a partir deles problematizar como a prática e o discurso educacional contribuiu para que a governamentalidade dos sujeitos aconteça, se faz necessário para se pensar outras formas de infância. É buscar novas possibilidades de se pensar a infância desvinculada das normatividades impostas pela sociedade que resulta em uma infância governada. Ademais, pensar a infância com Foucault possibilita ver o que se está fazendo das crianças e com as crianças em nosso tempo presente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da família e da infância**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e poder: conformação da pedagogia moderna**. Bragança Paulista, SP: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.

RESENDE, Haroldo de. A infância sob o olhar da Pedagogia: traços de escolarização na Modernidade. In: RESENDE, Haroldo de. (orgs). **Michel Foucault: o governo da infância**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Cap. 8, p. 127-140). (Coleção Estudos Foucaultianos).

VARELA, Julia e ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar: **Teoria & Educação**, Porto Alegre, RS, n.6, p.68-97, 1992. (Dossiê História da Educação).

